

A língua Lingala no Congo-Kinshasa: o perfil sociolinguístico

Philippe Nzoimbengene *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-2756-3244>

Tradução de Alexandre António Timbane

RESUMO

O presente artigo descreve as origens da língua Lingala, uma das línguas bantu faladas na República Democrática do Congo, na República do Congo, partes da República do Gabão, da República de Camarões, da República do Quênia e da República de Angola. Para além da África, o Lingala é falado na Europa por vários imigrantes africanos. Trata-se de uma língua com tradição escrita e com uma vasta produção literária. Para além disso, a língua Lingala é língua de ensino, o que a torna mais importante. De acordo com Nzoimbengene, o prefixo **li-** no nome **ngala** foi acrescentado ao nome da língua (**ngala**) por missionários católicos da *Congregatio Immaculati Cordis Mariae* no século XX, por volta de 1901 quando queriam publicar gramáticas, dicionários, bíblias e torná-la língua da evangelização. A língua Lingala (classificação: C36d) é uma língua bantu que surgiu da variação da língua bobangi (classificação: C32), que é a mãe de todas as línguas das tribos das margens do Rio Congo. É uma língua que tende a se expandir além fronteiras devido ao estatuto de língua oficial e franca, especialmente no comércio.

PALAVRAS-CHAVE

Língua; Lingala; Variação Linguística; RDC

Mokoto ya Lingala ya Congo-Kinshasa: maye matali bato na maloba²

NA MOKUSE

Makomi eye ezali kolimbola ebandeli ya monoko ya Lingala, moko ya minoko ya Bantu oyo elobelamaka na mboka Congo-Kinshasa, Congo-Brazza-Ville, biteni ya Gabon, Cameroun, Kenya mpe République mpe ya Angola. Longola Afrika, Lingala elobamaka na bana ya Afrika ebele baye bafandi na Europa. Ezali monoko oyo ezali na bonkoko ya kokoma mpe oyo ezali na mikanda mingi. Lisusu, Lingala ezali monoko ya koteya, yango esalaka ete ezala na ntina mingi. Engebene na Nzoimbengene, ba mumpe ya likomba Immaculati Cordis Mariae babakisaki **li-** na liboso ya nkombo **ngala** na ekeke ya 20, pene na mobu 1901 ntango balingaki kobimisa gramere, diksionere, biblia mpe kosala yango monoko ya kosakola nsango elamu. Monoko ya Lingala (babotiaka: C36d) ezali monoko ya Bantu oyo ebimaki na maye matali monoko ya Bobangi (babokiaka: C32), oyo ezali mama ya minoko nionso ya mabota na libongo ya ebale Congo. Ezali monoko oyo ezali na

* Membro do Instituto de Línguas e Comunicação, Universidade Católica de Louvain. E-mail: philnzoimbengene@yahoo.fr

¹ Sinceros agradecimentos a Jacques Scheuer (Professor Emérito da Universidade Católica de Louvain) e ao Alain N’Kisi (aluno de doutorado em História na Universidade Católica de Louvain), que leram a primeira versão em francês deste artigo e compartilharam seus comentários comigo. A minha cordial gratidão também a Albert Schmitz e Paul Duvivier (professores eméritos e ex-diretores de colégios jesuítas na Bélgica francófona) por corrigirem a ortografia e o estilo deste artigo em francês.

² Agradecimentos ao Prof. Dr. Basilele Malomalo pela revisão do resumo em Lingala.

momesano ya kopanzana na ndelo mpo na ezalela na yango lokola monoko ya mboka bem ya bolobeli mikolo na mikolo, mingi mingi na mombongo.

MALOPA YA NTINA

Lokota; Lingala; Bokeseni ya nkota; RDC

Introdução

Independentemente do número de línguas que conhecemos e falamos num país, todas elas – nem é preciso dizer – servem para comunicar. Por comunicação devemos entender que a língua não só permite a expressão de pensamentos e sentimentos, mas também possibilita a interação social.

A língua permite que os membros de uma sociedade ou comunidade interajam uns com os outros, influenciando comportamentos e atitudes e até manipulem mentes. Uma língua é, portanto, também, num certo sentido e em certa medida, um instrumento de poder. E, numa situação de diversidade linguística, as práticas sociais e as representações cognitivas dos falantes tendem a diferenciar as línguas presentes associando-as a diferentes funções e estatutos.

Ao fazê-lo, a comunidade bilingue ou multilíngue delimita e delinea a extensão do valor social e do “capital” de cada língua praticada. Face a estas diferenciações e a estas valorizações, o que podemos dizer atualmente sobre a Lingala e a sua prática no espaço social congolês?³

1. Uma ou muitas línguas lingala?

Mas antes de abordar a questão do valor associado ao Lingala, é importante perguntar-nos qual Lingala está-se falando, se de fato cada língua costuma apresentar-se em diferentes facetas ou formas, especialmente na oralidade. Lingala não foge à regra. Após análise, a multiplicidade empírica dá lugar a uma observação de singularidade: não existem várias línguas Lingala, mas apenas uma língua em diversas formas.

A língua Lingala se apresenta de diversas “formas”, para usar a expressão de Bakhtin. Tal como acontece com muitas outras realidades ou realizações do homem, mais difícil é a questão da verdade ou autenticidade: existe uma forma autêntica de Lingala? Para os falantes comuns, a resposta é trivial: diante de qualquer pluralidade, há

³ Sinceros agradecimentos a Jacques Scheuer (Professor Emérito da Universidade Católica de Louvain) e Alain N’Kisi (aluno de doutorado em História na UCLouvain), que leram a primeira versão deste artigo e compartilharam seus comentários comigo. Minha cordial gratidão também a Albert Schmitz e Paul Duvivier (professores eméritos e ex-diretores de colégios jesuítas na Bélgica francófona) por corrigirem a ortografia e o estilo deste artigo em francês.

necessariamente, para a opinião corrente, uma hierarquia. Se existirem diversas formas de Lingala, deve haver uma à qual o qualificador “verdadeiro”, “bom” ou “conforme” deve ser aplicado.

O padrão de comparação deve então ser procurado nas representações subjetivas de cada falante ou de cada grupo de falantes. Mas para o linguista só existe uma verdade, a da pluralidade das formas linguísticas: pluralidade de estilos, pluralidade de vocabulário, pluralidade de usos. Isso é chamado de variação linguística. A linguagem varia de acordo com os usos (estilos) ou as condições (registros sociais, níveis linguísticos) em que é utilizada. Existe uma espécie de plurilinguismo interno a um determinado código linguístico (SIMOES MARQUES, 2011).

No que diz respeito ao Lingala, podemos antes de mais distinguir a variedade de Kinshasa. Parece a mais prestigiada e a mais influente no espaço de expansão do Lingala, e por isso conta como a forma típica ou a variante central da Lingala:

A variante geográfica descrita nesta visão gramatical é aquela falada por falantes nativos em Kinshasa e arredores, sendo esta variante hoje a mais prestigiada e influente em toda a área de expansão da língua e contando assim como a sua variante ‘central’ (MEEUWIS, 1998, p.7).

Em artigo publicado três anos antes, Meeuwis (1995) já sustentava esta hipótese: *a variante de Lingala de Kinshasa que muitos concordarão, é a mais influente na difusão da língua no Zaire e nos países vizinhos.*

Segundo Kukanda (1983, p.28-29), o Lingala de Kinshasa seria “um dialeto geográfico que se distingue da língua comum por diferenças fonológicas, morfológicas e léxico-semânticas” E por “Lingala comum” Kukanda (1983, p.13) significa explicitamente “(...) o Lingala descrito na maioria das gramáticas e ensinado nos níveis primário, secundário e superior. Este Lingala está muito mais próximo daquele falado em Makanza e pelos soldados do exército zairense do que daquele de Kinshasa.”

Quanto a Bokamba (2010, p.2) distingue seis variedades principais num Lingala continuum: (i) o Lingala de Kinshasa, (ii) o Lingala padrão ou literário, (iii) o Lingala falado, (iv) o Lingala de Brazzaville, (v) o Lingala mangála, variedade falada nos distritos de Uele, no Norte e Noroeste da Província Orientale, e (vi) ‘**indoubill**’.

A Lingala falada em Kinshasa é, de facto, bastante distinta da de Brazzaville, particularmente a nível lexical: “A Lingala de Brazzaville distingue-se da de Kinshasa especialmente pelos seus empréstimos do francês com os seus artigos” (KUKANDA,

1983, p.26). O Lingala de Kinshasa também não é confundido, como às vezes acontece, com **Indoubill**⁴ ou **Indubill** (KUKANDA, 1983; KIESSLING & MOUS, 2004), gírias faladas em certas categorias urbanas de jovens, particularmente em Kinshasa e outras cidades. **Indoubill/Indubill** é, na verdade, um “Lingala altamente misto de códigos” (BOKAMBA, 2009, 2010), mas, deve-se notar, esta mistura de Lingala e francês também está repleta de neologismos um tanto padronizados e, em alguns aspectos, incongruentes. É ao mesmo tempo amplamente marcado por uma taxa relativamente elevada de fenômenos de troca de códigos (*codeswitching*), isto é, a alternância, em enunciados, de vocabulário e estruturas Lingala com uma profusão de frases, mesmo frases inteiras, noutras línguas, nomeadamente o francês, o inglês via francês, e, em menor grau o Kikongó e o Swahili.

Podemos constatar que a tipologia de Bokamba, mais complexa, oferece uma base prática e útil que permite uma primeira abordagem ao espectro dialectológico do Lingala, mas esta tipologia falha, parece-me, por uma mistura ou em qualquer caso por uma distinção insuficiente dos critérios diatópicos (região), diastráticos (classe social) e estilísticos (literário/escrito/oral).

Para efeitos deste artigo, limito-me ao Lingala de Kinshasa, mas entendida em sentido lato, pelo fato deste lingala de Kinshasa ser hoje tão bem escrita e falada, e que integra no seu léxico muitos termos do Bokambiano de “Makanza”, assim como não hesita em usar sabiamente certas estruturas com alto valor expressivo do ‘**Indoubill**’. É este Lingala de Kinshasa que qualifico comum, mas num sentido diferente de Kukanda (2004).

A “Lingala de Kinshasa” é de fato partilhada ou pelo menos bem compreendida para além de Kinshasa e mesmo das fronteiras nacionais, nas diásporas congoleesas. Além disso, o Kinshasa Lingala, em sentido lato, pode ser justamente considerado como a forma padrão do Lingala, ou seja, “a forma de língua que funciona como um padrão de referência, porque é reconhecida numa comunidade linguística como um padrão de correção” (KNECHT, 1997, p.194).

2. Perfil sociolinguístico

A língua Lingala (a sua forma padrão definida acima) é hoje amplamente falada na República Democrática do Congo (VAN REYBROUCK, 2012). No entanto, não é a única língua conhecida e falada neste vasto país poliétnico e multilíngue. Qual é o seu estatuto

⁴ Para maior aprofundamento sobre o fenômeno **Indoubill** leia a tese “língua, normas e repertório no meio urbano africano: o indoubill” da autoria de Sesepe, N’Sial Bal-Nsien, Disponível aqui: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED327062.pdf>

e que papel ou função social ela assume na realidade ou no imaginário congolês? Como podemos compreender o tipo de prestígio que lhe está associado em certos círculos congolezes no país ou na diáspora?

As noções de “estatuto” e “função”, muitas vezes também ligadas à de “prestígio”, por vezes parecem vagas quando aplicadas a uma língua. Também gostaria de me referir a Mackey (1989) para fornecer alguns esclarecimentos sobre o assunto,

O que queremos dizer com status e função? Os dois termos são frequentemente confundidos entre si e também com outro termo, “prestígio”. Basicamente, a diferença essencial entre prestígio, função e status é a diferença entre passado, presente e futuro. O prestígio de uma língua depende do seu histórico, ou do que as pessoas pensam que tenha sido o seu histórico. A função de uma linguagem é o que as pessoas realmente fazem com ela. O status de uma língua depende do que as pessoas podem fazer com ela, do seu potencial. O estatuto é, portanto, a soma total do que se pode fazer com uma língua—legalmente, culturalmente, economicamente, politicamente e, claro, demograficamente. Isto não é necessariamente o mesmo que você faz com a linguagem, embora as duas noções estejam obviamente relacionadas e, na verdade, interdependentes. Eles também podem estar ligados ao prestígio de uma língua.(MACKEY,1989, p.4).

Feito este esclarecimento, uma primeira observação a notar sobre o Lingala é a tendência de certos estudos em classificá-lo entre pidgins e crioulos(EKKEHARD WOLFF, 2005). Certamente, como escreve Ekkehard Wolff (2005)

um pidgin surge sob certas condições socioeconómicas ao longo das rotas comerciais e costeiras, particularmente quando vários grupos com línguas diferentes e sem língua franca comum são forçados a comunicar na presença de uma língua dominante recém-chegada, como a dos comerciantes marítimos e colonialistas.

Porém, ao responder a certas características de um pidgin, o Lingala se distancia de outras, pois, novamente segundo Ekkehard Wolff (2005),

Um pidgin é caracteristicamente usado apenas como segunda língua para comunicação restrita. Tem vocabulário “reduzido” e muitas vezes diz-se que “carece” de gramática, está “misturado” com palavras e elementos estruturais das línguas locais vizinhas e, mais significativamente, não tem falantes nativos.

Atualmente o Lingala, na sua forma padrão (conforme definido acima) e a mais difundida, é de facto a primeira língua/mãe (VASTELLOTI, 2001; DELEUZE, 1993) de

muitos falantes: Embora as funções do código em mudança tenham sido inicialmente limitadas à de uma língua franca, também rapidamente (por volta da viragem do século e nas primeiras décadas do século XX) adquiriu um corpo de falantes nativos, especialmente nos centros urbanos ao longo o rio Congo. (MEEUWIS, 1998,1995).

Bokamba (2009) menciona acertadamente, entre os fatores do desenvolvimento do Lingala, a sua aquisição como “primeira língua/nativa pelas crianças nascidas em centros urbanos dominantes ou predominantes (por exemplo, Mbandaka, Kinshasa, Impfondo, Brazzaville, Matadi, Kisangani, etc.)”. Existem, portanto, em Kinshasa e em áreas da diáspora congoleza em todo o mundo, proporções significativas de Lingalafones nativos.

Mas se a atual evolução e configuração do Lingala não permite que seja considerado um pidgin, teria então o estatuto linguístico de crioulo? Para responder a esta questão devemos primeiro compreender os contornos e características daquilo que chamamos de crioulo?

Alguns pidgins, entretanto, eventualmente se tornam línguas maternas de setores da população; quando isso acontece falamos de crioulição. A distinção mais prática, portanto, entre uma língua pidgin e uma língua crioula é a da existência de falantes da primeira língua (língua materna). Uma vez que um pidgin se torna a primeira língua de uma geração de falantes e se torna elaborado em termos de vocabulário e gramática, é uma língua totalmente desenvolvida e não mais restrita em função. Este seria um exemplo de nascimento de língua, isto é, de uma língua crioula. Ainda assim, os crioulos também são frequentemente desprezados, mesmo pelos seus próprios falantes nativos, como sendo inferiores à língua padrão (europeia) correspondente. (EKKEHARD WOLFF, 2005, p.326).

O crioulo é, em suma, um pidgin evoluído e mais elaborado. A sua principal característica parece ser a referência estrutural a uma língua estrangeira de longa tradição europeia, que constitui a sua base distante em termos de vocabulário e sistema gramatical. E este aspecto implica muitas vezes uma subvalorização social da língua crioula em relação à matriz europeia que, de alguma forma, lhe deu origem.

Certamente, podemos evocar objetivamente representações mentais que subestimam a importância socioeconômica do Lingala no que diz respeito às línguas europeias de ampla expansão internacional, mas por pelo menos duas razões, não me parece suficientemente justificado tratar hoje o Lingala como um Crioulo. Em primeiro lugar, tal abordagem afastar-se-ia da observação empírica imediata, depois a configuração atual e a própria estrutura do Lingala não permitem tal visão: o Lingala

“nasceu” do encontro de várias línguas, tanto estrangeiras como locais, europeias. como africano, mas não de uma única língua dominante. Além dos empréstimos lexicais e dos fenômenos óbvios de misturas na sintaxe, o Lingala possui um vocabulário próprio e uma sintaxe autônoma baseada no sistema Bantu.

Numa perspectiva diacrônica, porém, podemos atestar que, de um ângulo essencialmente evolutivo, a gênese e o surgimento do Lingala são caracterizados por fenômenos típicos do Pidgin e do Crioulo, como evidenciam estas observações de Meeuwis (1998).

Os processos pré-coloniais e especialmente pós-1879 de contínua mudança linguística foram assim caracterizados pelo que a literatura atual identifica como típico da gênese pidgin e crioula (...): uma rápida mudança na estrutura e no léxico (incluindo formas massivas e variadas de influência estrangeira e simplificação) e uma limitação inicial das suas funções sociais como língua franca.

Mas muito cedo, depois da época colonial, o Lingala afirmou-se e consolidou-se cada vez mais no seu estatuto de língua – Bantu – por direito próprio, com as funções e atributos reconhecidos como língua como um sistema autônomo. Nos tempos pós-coloniais, e especialmente na época zairense (1965-1997), “a posição de Lingala foi ainda mais consolidada e a sua expansão geográfica continuou” (MEEUWIS, 1998, p.6).

Devido a esta consolidação do seu estatuto, consequência, na minha opinião, da sua expansão em diversas áreas culturais do Congo, o Lingala estabiliza-se e mantém-se como um sistema linguístico complexo. Neste processo, três grandes áreas desempenham um papel determinante: a organização do exército, o poder político e as atividades culturais. A Lingala terá, de fato, um papel cada vez mais dominante no seio das Forças Armadas e na sua interação com as populações, na comunicação política e nas atividades culturais de vocação ou dimensão nacional, como a música, a comédia e a arte dramática.

3.Lingala, uma “façanha de armas”

Conforme afirmado por Meeuwis (1998, p.6)

lingala desempenhou um papel importante nas omnipresentes forças armadas zairenses (...). Enquanto o francês era a língua utilizada na administração escrita do exército, o lingala era a única língua utilizada em

todos os contactos orais, e isto em todo o país (um padrão de uso constituído no facto consumado herdado dos tempos coloniais).

O Lingala se impõe e se consolida primeiro através do papel acrescido do exército herdado da época colonial (1885-1960), período durante o qual o Lingala foi adoptado de facto como a língua “canónica” das Forças Armadas:

Em 1885, a Força publicada no dia, uma armada colonial não estabeleceu a direção solidamente entre os principais oficiais brancos. (...)No final de 1885, os primeiros-ministros congolezes entraram no exército. Eram 10. Ele foi recrutado na floresta por meio de Bangala e enviado para Boma. Les Bangala é conhecido por seu espírito de guerra; em e *recruterait encore beaucoup*. Sua língua, a língua, também conhece uma expansão muito forte: ela deve a língua principal do oeste do país.

Em 1930, o Lingala tornou-se oficial como a língua da “Força Pública”, do exército colonial (BOKAMBA, 1990). O regime do Presidente Mobutu (1965-1997) seguiu a mesma linha e conferiu ao Lingala o estatuto de língua oficial das Forças Armadas Zairenses (FAZ), o exército nacional (Conférence des Ministres de l'Éducation des États d'expression française, 1986).



4.Lingala, fenômeno político

Ainda mais significativo é que, a partir de 1965, Lingala passou a ser identificado com o poder em vigor como a linguagem das reuniões políticas e a linguagem da propaganda, com uma formação mais ou menos ideológica. Neste contexto e nesta atmosfera ideológica, “a política de transferência de funcionários e militares, praticada desde 1965, envia agentes de propagação para todos os cantos do país” (KUKANDA, p.25).

O ano de 1965 marca o início do regime monolítico de Mobutu Sese Seko, que só terminará com a queda do ditador (maio de 1997), com o advento de Laurent-Désiré Kabila, autoproclamado presidente após uma atroz campanha militar campanha que durou cerca de um ano, apoiada e organizada pelos regimes do Ruanda e do Uganda e, em menor medida, pelas autoridades do Burundi.

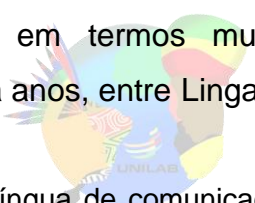
O modelo e a prática administrativa do Presidente Mobutu consistiam, entre outras coisas, em nomear, através de um sistema de rotação, não-cidadãos ou não-nativos como governadores e outros responsáveis pela administração territorial nas diferentes regiões ou províncias (KUKANDA, 2004). Este método reforçou a utilização do Lingala

como língua de comunicação entre administradores e administrados e trouxe a esta língua um ganho de prestígio.

A ideologia do recurso à autenticidade, uma espécie de revisitação das fontes e tradições congolezas e de reapropriação de práticas próprias das culturas ancestrais, também trará água ao moinho para a afirmação do Lingala. Esta ideologia, de facto, será formalizada pelo que se tem chamado de Mobutismo ou a “doutrina da autenticidade”, defendida e ensinada por Mobutu. Será expresso, entre outras coisas, através da vestimenta oficial (KUKANDA, 2004)⁵, através de um regime político de partido único (partido-estado), neste caso o Movimento Popular da Revolução (MPR), e através de uma política pró-ativa em reunir e unificar através de língua.

Além disso, entre os *factors facilitating the spread of Lingala*, Bokamba (1990) cita “(the) advent and implementation of the ‘Authenticity doctrine’ during the Mobutu’s regime, especially in 1970s and 1980s” ainda mais que a estratégia de Mobutu foi usar a língua nas reuniões de massa e nas comunicações radiotelevisadas, para, souligne Bokamba «(to) re-enforce his authenticity doctrine”.

Meeuwis (1998) descreve, em termos muito apropriados, o fenômeno de sobreposição, durante mais de trinta anos, entre Lingala e política no antigo Zaire:



Enquanto o francês era a língua de comunicação horizontal em todas as estruturas políticas e administração do Zaire, o lingala foi sempre fortemente preferido como língua de comunicação política vertical (...): o lingala foi usado pelo partido único, o Mouvement Populaire de la Révolution (MPR), para a mobilização das massas em discursos políticos, reuniões de massas, spots televisivos e radiofónicos e outras formas de sensibilização ideológica. Esta preferência pelo Lingala estava relacionada com as origens regionais do presidente Mobutu, que ficava no noroeste do Zaire. Estava também relacionado com o papel ascendente de Kinshasa, também uma cidade de língua Lingala, no estado zairense altamente centralizado.

5.A língua Lingala, um fenômeno cultural

Quanto à dimensão cultural de afirmação e consolidação da Lingala, esta surge através das funções comunicativas particulares e de um certo prestígio que lhe está associado. Se o Lingala foi descrito, juntamente com o Swahili, como “super línguas

⁵ « Abas-custos » para homens e mulheres para mulheres; proibição de la veste-cravate, pas de pantalons pour les femmes ou jeunes filles. Se a pagne está novamente em voga, ao mesmo tempo com a jupe e o robe à l'occidentale, l'abas-cost en revanche está aujourd'hui sorti de la mode. Le terme abas-cost, na verdade um neologismo interessante (é escrito em lingála), dispara doucement du vocabulário atual. « Sorte de costume dont la veste (ou la veste seulement) a des manches longues ou corteses et un col à la chinoise », filho nom viendrait de « à bas le costume ».

nacionais” (SESEP,1993), e se certos linguistas o reconhecem como uma língua “superveicular” é provavelmente uma referência à forma praticada em Kinshasa, a capital, e seus arredores. Foi por volta de 1930 que o Lingala foi praticamente adotado como língua franca na capital, então Léopoldville (Bokamba). Meeuwis (1998) também fornece informações detalhadas sobre este assunto:

De facto, o pessoal colonial adoptou-o para comunicação com os colonizados em todos os postos coloniais recém-fundados ao longo do rio Congo e seus afluentes. Foi, como tal, também trazida para Leopoldville (posto administrativo fundado em 1881, proclamado capital da colónia em 1923-1929, e rebatizado de Kinshasa após a descolonização).

A Lingala de Kinshasa revela um notável carisma poético⁶ e pragmático⁷ Denota, ao mesmo tempo, um potencial veicular inegável, dado o mosaico cultural e étnico que a metrópole de Kinshasa oferece, como o próprio país: uma encruzilhada interétnica e internacional no coração da África central. Ingouacka e Shimamungu⁸ aludem a isto ao caracterizar o Lingala como “uma língua falada no Congo e no Zaire onde serve como língua veicular para um mosaico de grupos étnicos que falam diferentes línguas vernáculas”.

Através do seu padrão Kinshasa, o Lingala aparece, no lar linguístico afro-congolês, como um importante vetor de cultura. Certamente, um certo sentido, bastante difundido, associa cultura e produções da mente (produções literárias, científicas, tecnológicas, filosóficas e religiosas):

Pode-se tirar muito mais proveito de uma língua em que há muitos produtos culturais – livros, filmes, artigos, resenhas e similares. (...) Quanto mais elevada ou mais especializada for a atividade cultural, menor será o número de línguas em que esta poderá realizar-se. É por isso que, ao longo da história da humanidade, poucas línguas foram utilizadas na educação. Como regra geral, a língua com o estatuto mais elevado foi utilizada para fins culturais, como religião, literatura, filosofia ou ciência, na maioria das vezes uma língua diferente da língua materna ou da língua materna.

⁶ No sentido etimológico grego (ποιητικο ζ, ποιητικη, ποιητικο ν; do verbo ποιει ν, “fazer”): quem tem a virtude de fazer; criar, produzir; engenhoso, inventivo [Alain REY (sob a direção de), Dicionário Histórico da Língua Francesa, Paris, Dictionnaires Le Robert, 1992].

⁷ No sentido de “dotado de efeitos” ou “ativo”, até eficaz. το π γμ, τά π γμ τοζ (atividade, caso) é derivado de π ὄσσειν (em grego ático π ὄπειν): agir, operar, negociar, completar, realizar, praticar [Alain REY, op. cit.].

⁸ Guy-Cyr INGOUACKA et Eugène SHIMAMUNGU, « Représentation du temps en bantou. Système comparé du lingala et du kinyarwanda », in *Revue québécoise de linguistique* (1994) vol. 23 n°2, p. 47.

Mas também entendemos “cultura” no sentido específico de expressão, animação e comunhão profunda das massas através da canção coral, secular ou religiosa, da música tradicional ou moderna (jazz, rumba, folclore, rap), da comédia televisiva (particularmente o esquete gênero), teatro ou cinema.

Contos e provérbios de diferentes tradições étnicas na África Central e em outros lugares são amplamente divulgados em Lingala através de canções e transmissões de rádio e televisão. Sobre o tema da música, Bokamba menciona como um factor importante na expansão do Lingala, a “difusão da música congoleza dominada pelo Lingala (...) na África Central e além”, e assim explica o alcance da contribuição e da influência da música congoleza:

A expansão duradoura da música congoleza na década de 1950 e depois o seu desenvolvimento explosivo a partir da década de 1960 sob uma variedade de nomes (por exemplo, rumba congoleza, soukous, kwasa-kwasa, ndombolo) para se tornar a música de eleição entre os africanos e os europeus africanistas e do Norte Os americanos, combinados com outros programas educativos e de entretenimento Lingala na rádio e televisão nacionais na RDC (...) favoreceram a sua expansão não só dentro dos países vizinhos da África Central (...), mas também para além deles na própria África e para o resto do mundo (BOKAMBA, 2010, p.63).

Sempre no plano da cultura musical, mas pode ser relevante também para esta observação de Meeuwis (p.6).

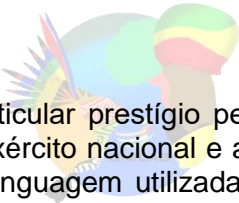
(...) depois de 1965, Lingala dominou todas as atividades socioculturais do país com um apelo amplamente nacional. Um domínio sociocultural influente até hoje tem sido a música popular moderna. Na época zairense, esta música começou a permear não só todas as esferas privadas da vida, mas também os domínios religioso, social e até político da sociedade, uma vez que os músicos eram frequentemente mobilizados por líderes religiosos e políticos para cantar os seus louvores ou defender as suas causas. . Até agora, a música sempre foi inteiramente composta em lingala, apesar de um número muito baixo de exceções. A posição de Kinshasa no Estado nacional é novamente um factor importante a este respeito: como a cidade onde todas as infra-estruturas materiais para uma indústria musical moderna sempre permaneceram centralizadas (incluindo entre 1990 e 1997, os anos da centrifugação política e económica do (o estado zairense), Kinshasa sempre foi o pied-à-terre inevitável para cada artista ou banda emergente.

Quanto ao teatro, foi especialmente popularizado nas décadas de 70 e 80 pelo gênero mabóké, também chamado de “teatro local”. Difundido e televisionado, o “teatro local” é um gênero dramático constituído por peças sóbrias e típicas, com cenários mais ou menos complexos, que se inspiram em temas da vida quotidiana: mentalidades e

morais, problemas concretos, imaginação coletiva. Perdendo impulso na década de 1990, após a liberalização da imprensa audiovisual e a proliferação de canais oficiais e privados de televisão e rádio, o teatro congolês transformou-se num gênero de novela, comercializado em DVD.

Finalmente, a cultura também inclui o cinema. Produção cinematográfica congoleza, que já conta com várias curtas-metragens em Lingala (incluindo o filme *La vie est belle*, realizado em 1987 por Dieudonné Ngangura Mweze e Benoît Lamy), sem esquecer o muito recente filme *Viva Riva*, produzido em 2011, em Kinshasa, por Djo Tunda Wa Munga. Todos os diálogos deste filme padrão de Hollywood estão em Lingala.

Em suma, quer se trate da música ou de outras áreas, as diversas atividades culturais que animam e marcam a vida e a sociedade congolezas constituem, de certa forma, um patrimônio comum e tecem assim partes importantes de uma identidade nacional. E estas atividades encontram na Lingala um meio e canal privilegiado para a sua expressão. Além disso, em 1986, a Conferência dos Ministros da Educação dos Estados de Língua Francesa resumiu a situação particular de Lingala no Congo-Kinshasa nestes termos:



O Lingala (...) goza de particular prestígio pelo facto de ser a língua da capital, a língua oficial do exército nacional e a língua da moderna canção zairense. Além disso, é a linguagem utilizada pelo Chefe de Estado nos seus discursos políticos.

Conclusão

Ao fazer do Lingala a língua do exército, entidade poderosa e onnipresente, gradualmente implantada em quase todo o território nacional, e ao adoptar o Lingala como língua preferida de comunicação com as populações, as sucessivas administrações belga e congoleza (Zaire), têm profundamente moldado o espaço linguístico do antigo Zaire, hoje República Democrática do Congo.

A situação militar e administrativa aliada às escolhas políticas da ditadura mobutiana acabaram por conferir à Lingala as suas cartas de nobreza. Este contexto histórico explica a atual posição e aura do Lingala ao lado do francês, do swahili, do tshiluba, do kikongo e de outras línguas locais de natureza tribal.

Hoje, para além da necessidade de comunicar, os congolezes aprendem ou falam Lingala quer por esnobismo (para demonstrar a sua cidade ou origem urbana), quer para marcar o seu orgulho em serem congolezes, demonstrando assim o seu desejo de estar

(considerados) acima dos comunitarismos reducionistas, que estão sempre prontos para despertar os velhos demônios da reclusão de identidade tribal ou étnica.

REFERÊNCIAS

- BOKAMBA G. E. "The spread of Lingala as a lingua franca in the Congo basin", in FionaMc Laughlin (Ed.). *The languages of urban Africa*, New York, Continuum International Publishing Group, 2009.
- BOKAMBA G. E. *The many faces of Lingála: Understanding its metamorphosis* (Handout for lecture given at RMCA's "Seminar on African Languages and Cultures" Series), Tervuren, Royal Museum for Central Africa, 22 Jan. 2010 (inédit), p. 2.
- CASTELLOTI, V. *Langue maternelle en classe de langue étrangère* – Collection Didactique des langues étrangères, Paris, Clé International, 2001, pp. 21-22].
- DELEUZE, G. *Critique et clinique* – Collection « Paradoxe », Paris, Les Éditions de Minuit, 1993.
- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language. 2.ed.*, Cambridge, Cambridge University Press, 1997,
- EKKEHARD WOLFF, H. "Language and society", in: Heine, B & Nurse, D. (Eds). *African Languages. An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.
- FRANCE. Conférence des Ministres de l'Éducation des États d'expression française, *Promotion et intégration des langues nationales dans les systèmes éducatifs. Bilan et inventaire*, Paris, Librairie Honoré Champion Éditeur, 1986, p. 342.
- INGOUACKA, G-C. & SHIMAMUNGU, E. «Représentation du temps en bantu. Système comparé du lingala et du kinyarwanda», in *Revue québécoise de linguistique*, vol. 23 n°2, p. 47. 1994.
- KIESSLING, R. & MOUS, M. Urban Youth Languages in Africa", in *Anthropological Linguistics*. vol. 46 n°3, p. 307, 2004.
- KNECHT, P. « Langue officielle », in Marie Louise Moreau (ouvrage coordonné par), *Sociolinguistique. Concepts de base*, Sprimont, Mardaga, 1997.
- KUKANDA, V. *L'emprunt français en lingála de Kinshasa. Quelques aspects de son intégration phonétique, morphologique, sémantique et lexicale*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1983, pp. 28-29.

- MACKEY, W. F. “Determining the Status and Function of Languages in Multinational Societies”, in Ulrich Ammon (éd.), *Status and Function in Languages and Language Varieties*, New York, de Gruyter, 1989,
- MEEUWIS, M. *Lingala* (Collection “Languages of the world/Materials” 261), München, Lincom Europa, 1998.
- MEEUWIS, M. The Lingala tenses: a reappraisal”, in *Afrikanistische Arbeitspapiere*, n°43, p. 98, 1995.
- SESEP, N. *La francophonie au coeur de l’Afrique. Le français zaïrois*, Paris, Didier Érudition, 1993.
- SIMOES MARQUES, I. « Autour de la question du plurilinguisme littéraire », in Laté Lawson-Hellu (sous la coordination de). *La Textualisation des langues dans les écritures francophones, Les Cahiers du GRELCEF – Revue du Groupe de recherche et d’études sur les littératures et cultures de l’espace francophone – mai 2011, n°2, p.231.*
http://www.uwo.ca/french/grelcef/cahiers_intro.htm (consulté le 2 avril 2013).
- VAN REYBROUCK, D. *Congo: une histoire* (Trad. du néerlandais par Isabelle Rosselin), Arles-Paris, Actes Sud, 2012, p. 32.



Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 20/10/2023

Para citar este texto (ABNT): NZOIMBENGENE, Philippe. A língua Lingala no Congo-Kinshasa: o perfil sociolinguístico. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. Trad. Alexandre António Timbane. São Francisco do Conde (BA), vol.3, n° Especial II, p.527-540, out. 2023.

Para citar este texto (APA): Nzoimbengene, Philippe (out. 2023). A língua Lingala no Congo-Kinshasa: o perfil sociolinguístico. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. Trad. Alexandre António Timbane. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 527-540.